

A ESCRITA FEMININA E A CONSTRUÇÃO DO SER MULHER NO UNIVERSO POÉTICO DE MARIA HELENA CHEIN

THE FEMININE WRITING AND THE CONSTRUCTION OF THE WOMAN BEING IN THE POETIC UNIVERSE OF MARIA HELENA CHEIN

Vanderlei Kroin¹

ROR Pontifícia Universidade Católica de Goiás

vanderleikroin@gmail.com



RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar e analisar o escopo da construção do ser mulher presentes na obra poética de Maria Helena Chein. Para o desenvolvimento do presente estudo foram escolhidas as obras *Amor solto na terra* (2004) e *Pão azimo sob a figueira* (2019). O universo ficcional da autora apresenta inúmeras mulheres como protagonistas, conscientes de suas relações, ações e condições. Dessa maneira, a autora não mostra o ser feminino sob a ótica romantizada. A escrita de Chein explora o que há de humano e íntimo no sujeito mulher, principalmente sob a temática do amor. Ela mostra e explora as relações interpessoais e as subjetividades da mulher e, assim, registra o ser feminino com força e iniciativas, reflexivo, fazendo ponderações acerca de sua própria condição. Concomitante a isso, ao mostrar esse mundo poético-ficcional repleto de mulheres, o estudo ainda busca trazer considerações acerca do próprio ato da escrita, notadamente a feminina, afinal temos uma mulher que insere em sua poesia o sujeito feminino. Quanto às incursões teóricas, para refletirmos acerca da escrita feminina e da representação do ser mulher nos poemas de Chein, nos valem dos estudos e considerações de estudiosas como Nelly Novaes Coelho, Níncia Teixeira, Dulcineia Monteiro, Simone de Beauvoir, dentre outras.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita feminina; Literatura de autoria feminina; Literatura brasileira contemporânea; Poesia.

ABSTRACT: The aim of this work is to present and analyze the scope of the construction of the woman being present in the poetic works of Maria Helena Chein. For the development of the present study, the works *Amor solto na terra* (2004) and *Pão azimo sob a figueira* (2019) were chosen. The fictional universe of the author presents numerous women as protagonists, conscious of their relations, actions and conditions. This way, the author doesn't present the feminine being in a romanticized perspective. Chein's writing explores what is more human and intimate in women as subjects, mainly when it comes to the theme of love. She depicts and explores interpersonal relationships and subjectivities of women, and in such a way, registers the feminine being intensely, reflectively, pondering her own condition. At the same time, when showing this poetic, fictional world filled with women, the study also seeks to bring forth considerations concerning the act of writing itself, particularly the feminine writing, after all it is about a woman that inserts the feminine subject in her own poetry. Regarding theoretical approaches, in order to reflect on the feminine writing and the representation of the woman being in Chein's poems, we used the studies and considerations of scholars such as Nelly Novaes Coelho, Níncia Teixeira, Dulcineia Monteiro, Simone de Beauvoir, among others.

KEYWORDS: Feminine writing, Female authors, Contemporary Brazilian literature, Poetry.

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 12, Nº. 24 (Jul-Dez/2024)

Informações sobre os autores:

1 Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO. Mestre e Doutor em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. Bolsista CAPES/BRASIL.

doi 10.29281/rd.v12i24.16210

Fluxo de trabalho

Recebido: 24/09/2024

Aceito: 04/03/2025

Publicado: 07/03/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio

Plagius

SOBREALITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Neste século XXI observamos a crescente participação e produção de autoria feminina no âmbito da literatura. A mulher vem conquistando voz e ganhando terreno dentro do âmbito da ficção. Os exemplos de escritoras, poetisas e prosadoras que têm se destacado no campo literário é relevante nos anos 2000 em diante. Muitas são escritoras jovens que iniciaram a carreira literária ou mesmo se aventuraram a escrever do ano de 2001 em diante.

Basta uma busca rápida em sites da internet para verificarmos que o número de escritoras tem crescido substancialmente. Para ficarmos apenas com alguns poucos exemplos destacamos, entre outras, Adriana Lisboa, Aline Bei, Ana Miranda, Carla Madeira, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Denise Emmer, Jarid Arraes, Jussara Salazar, Lêda Selma, Luci Collin, Maria Valéria Rezende, Martha Batalha, Natalia Borges Polesso, Patrícia Melo, Rita Santana, Tatiana Salem Levy.

Além dos novos nomes que surgem, impulsionadas principalmente por meio das redes sociais e da internet, em geral, não podemos esquecer as precedentes. Devemos destacar as autoras já consolidadas ou produtoras em décadas anteriores, ou seja, nas décadas finais do século XX, como é o caso, dentre outros, das acima citadas Ana Miranda e Luci Collin, que adentram os anos 2000 ainda com obras publicadas.

Nessa instância também se encaixa Maria Helena Chein, que iniciou a carreira literária nos anos setenta do século passado e adentra ao século XXI com publicações e participações em atividades culturais e acadêmicas em Goiânia, GO. Isto demonstra a consolidação da trajetória ficcional da autora, principalmente no estado de Goiás e expressa a qualidade de sua produção.

Chein inclui-se entre essas autoras que fazem e dão sua contribuição à literatura brasileira contemporânea. Goiana, integrante da Academia Goiana de Letras, a escritora nasceu na capital do estado, em 1942. É contista e poeta. A primeira obra publicada por ela foi o livro de contos *Do olhar e do querer*, em 1974, ao qual se seguiram outros. Quanto à poesia, publicou quatro livros: *Todos os Voos* (1997), *Amor Solto na Terra* (2004), *Baralho Poético*, em parceria com Lêda Selma (2015) e *Pão Ázimo sob a Figueira* (2019).

Nesse estudo são traçadas considerações acerca do universo ficcional da autora a partir das obras *Amor solto na terra* (2004) e *Pão ázimo sob a figueira* (2019), com o intuito de explorar o que há de humano e íntimo no sujeito mulher presente dentro da poética construída por ela. Nos versos de Chein surgem questões relacionadas ao amor, às relações interpessoais, às subjetividades, aos conflitos individuais, além da própria reflexão que o eu poético traz em muitos poemas, ao registrar o ser feminino com força e iniciativas, reflexivo, ensimesmado em fazer ponderações acerca de sua própria condição existencial.



Trata-se de uma poeta mulher adentrando poeticamente no universo feminino, dessa maneira, ao investigar e mostrar esse mundo poético-ficcional repleto de mulheres, registra-se e lança-se de antemão, correlativamente, ponderações sobre o próprio ato da escrita, sobre a presença da mulher no campo da literatura, os percalços sofridos, as conquistas alcançadas e o enfrentamento dos desafios existentes nessa viagem das escritoras-poetas na seara da literatura brasileira.

Para tecer considerações acerca da obra de Maria Helena Chein, assim como outras obras produzidas por mulheres, há a necessidade de uma nova perspectiva de abordagem do texto literário e da escrita, a fim de elaborar estudos propositivos que fujam dos famigerados juízos de valor que por tanto tempo estiveram presentes no âmbito da crítica literária brasileira. Conforme Nelly Novaes Coelho,

A atenção que a produção literária das mulheres vem exigindo da crítica (como fenômeno que é, em meio à produção geral) não se identifica com uma *intenção judicativa*. Não se trata de saber se a literatura ‘feminina’ é pior ou melhor que a ‘masculina’ (pois isso não teria nenhum sentido...), mas sim descobrir *o que ela é, como se constrói e por que* trilha determinados caminhos (Coelho, 1993, p. 12).

Suplantada a questão valorativa em relação à literatura produzida por mulheres, então, o desafio no campo da crítica literária é investigar o que elas dizem discursiva e textualmente nas obras produzidas. O imaginário feminino é vasto e registra o humano e a humanidade. Quando escreve, portanto, a mulher não fala dela somente, mas põe em diálogo os sujeitos.

Há que se destacar o universo ficcional contístico da autora, que gira vigorosamente em torno de personagens mulheres. Do primeiro ao último livro em prosa que Chein publicou verifica-se a notável presença do elemento feminino. Nos enredos construídos nas narrativas as personagens ora vivem seus dilemas e frustrações, ora mostram uma sensualidade envolvente e uma força transgressora a se embater em meio a cultura machista, principalmente, na esfera do matrimônio, nas quais estão inseridas.

Quanto à poesia, os versos de Maria Helena Chein tratam das questões que sempre fizeram e fazem parte da existência e da vida humana, tais como a dúvida, o amor, o medo, os desejos, frustrações e anseios pelas descobertas. O sentimento amoroso é um questionamento vivaz e pulsante na verve poética da autora e está muito presente em seus poemas. Às vezes as reflexões são prospectivas, quando o eu lírico sente e verifica o desgaste do amor, a insuficiência e não proatividade do sentimento. Em outros poemas o sentimento é exposto como um encontro benfazejo, seja do sujeito com o outro, seja consigo mesmo.

A POESIA DE MARIA HELENA CHEIN

O amor é proficuamente explorado na poética de Maria Helena Chein. Em muitos de seus versos o sentimento aparece como elemento substancial e norteador da vida e o eu lírico se dobra em reflexões existenciais que colocam o amor em um centro de importância tal que o sujeito se descobre e se encontra, celebrando-se a si mesmo, como nos versos abaixo.

Resultado

Encontrei o meu amor
de ontem
amor tão anjo
que os demônios
se esfumaçaram.
encontrei-me.
(Chein, 2004, p. 127).

Esse sintético poema se inicia e se fecha como um ciclo, uma jornada. O título (Resultado) é o encontro derradeiro do eu lírico consigo mesmo após uma busca. O resultado é a convergência sublime com o amor e, por consequência, consigo mesmo, dada a paz que tal sentimento proporciona. O eu poético coloca o amor no âmbito do angelical (terceiro verso), livre de toda negatividade (demônios), o que acarreta o encontro desejado.

Como o eu lírico do poema, a mulher, por meio da sua escrita ficcional desvela mundos e revela seu próprio mundo. O discurso literário não é tomado somente como algo estético, mas traz a palavra como ato social e político, também simbólico porque dialoga com o humano. Pela arte e literatura a mulher conquista seu espaço, escreve, projeta e problematiza coisas do campo do feminino. Mostra-se como sujeito crítico ao questionar valores sociais e cresce como ser humano ao desvelar a si própria. Conforme a poeta Adélia Maria Woellner,

No DISCURSO FEMININO, a palavra da mulher é protesto e é louvação; é lamento e é canto; é pacatez e é vibração; é oferta e é apelo; é ideal e é realidade; é caos e é ordem; é apego e é doação; é vazio e é completude. E nossas mulheres, que se superaram pela literatura, em razão da literatura, foram além da literatura, pois sua voz, projetando palavras no tempo e no espaço, teve e tem significativa e indispensável parcela de contribuição para o crescimento, a evolução, o desenvolvimento da arte e, via de consequência, da própria vida (Woellner, 2007, p. 33. Grifos da autora).



O poema, pela sua plurivalência, sugestiona que o eu lírico encontra o amor no outro ou em si mesmo. De toda maneira, o encontro que o eu poético ressalta no último verso assinala a singularidade do sentimento amoroso, que estabelece uma ordem na existência. Ao contato com o amor o sujeito se completa, se eleva e flui em leveza, mostra segurança dentro de sua fragilidade, que não é apenas da mulher, mas existe em todo ser humano.

No âmbito da escrita, a poeta articula força expressiva ao mostrar duas instâncias que norteiam o ser feminino, as já mencionadas, segurança e fragilidade. E isso não se restringe somente ao ser mulher, trata-se do ser humano em geral. O que ocorre é que talvez a poesia escrita pela mulher tem mais coragem de escancarar as problemáticas mais íntimas e sensíveis que sempre estão a rondar os sujeitos e isso sem se desvincular das instâncias do social e do cultural. Níncia Teixeira observa que:

A literatura produzida pelas mulheres é aquela que envolve o gênero *humano*, aborda temas universais e que se diferencia por meio do ponto de vista, de temas abordados, de universos criados e, principalmente, do meio social da qual se origina e das condições antropológicas, socioeconômicas e culturais (Teixeira, 2008, p. 43).

Como se vê, a literatura de autoria feminina aborda os mesmos assuntos problematizados pelos autores homens, diferenciando-se deles unicamente por conta dos pontos de vista adotados na observação do mundo circundante. O universo feminino é diverso do masculino, mas é igualmente plural e significativo. Como ser humano, a mulher tem sentimentos bons e ruins constituintes de si, como raiva, ódio, amor, solidariedade, entre outros.

A mulher nutre sentimentos e desejos e os quer compreendidos e correspondidos em plenitude. No poema a seguir, notamos um eu lírico consciente e desejoso que não se perde na convulsão do Eros. Há o desejo do amor, mas cobra-se reciprocidade. A contrapartida para a entrega ao amor é acender no outro a sensibilidade para que se reconheça tal ato. O eu lírico se mostra desejante e investe no outro. O verbo ‘cubra-me’ (primeiro verso) e ‘vista-me’ (terceiro verso) mostram o pedido.

Cubra-me o corpo aceso,
neste outubro quase violáceo,
vista-me de um talvez acetinado
ou de hortênsias e gardênias
ou de brisa pura.
Qualquer veste me veste bem,
desde que me saiba flauta e doce
e noventa e nove vezes mulher.
Cubra-me de um amor,

que não se desbota.
(Chein, 2019, p. 66).

O poema está repleto do desejo feminino. Já no primeiro verso temos “corpo aceso”, que mostra lascívia e desejo. Há também o anseio de apelo à empatia do outro para reconhecer e apreender no eu lírico feminino que fala, a sensibilidade que aflora. Os versos sétimo e oitavo exemplificam essa condicionalidade para a construção do amor. Por fim, nos dois últimos versos, depois de ter revelado o desejo o eu lírico mostra também consciência crítica. Busca e quer uma contrapartida ao amor que está a oferecer. Em outras palavras, anseia algo duradouro, “que não se desbota”.

O corpo feminino necessita e quer fundir-se integralmente a outrem, deseja que o outro a descubra em seus desejos e os satisfaça. Os verbos cobrir e vestir, no primeiro e terceiro versos, respectivamente, convidam o outro a união. A entrega da mulher ao amor busca reciprocidade. O corpo aceso colocado no poema acima é exaltação do desejo e do contato pleno, desses que não se dissipam e se esvaziam após o ato amoroso. Conforme explana Simone de Beauvoir,

[...]Muitos imaginam que “fazer gozar” uma mulher é questão de tempo e de técnica, logo uma violência; ignoram a que ponto a sexualidade da mulher é condicionada pelo conjunto da situação. A volúpia é nela, já o dissemos, uma espécie de encantamento; reclama um abandono total; se palavras ou gestos contestam a magia das carícias, o encantamento se dissipa (Beauvoir, 1980, p. 136).

No poema acima, então, o ser feminino desejoso quer ser retribuído à altura de seu desejo. Quer o envolvimento do outro consigo, não apenas carnal, mas espiritual, quer no outro a sensibilidade para que seus desejos e necessidades sejam descobertos, compreendidos e satisfeitos. Sem isso o relacionamento não tem o encantamento vislumbrado, não passa de algo efêmero, no qual o encanto se perde e a frustração se consoma.

Em ‘Amando’ o que se observa é uma reflexão acerca de um relacionamento desgastado, em vias de extinguir-se. A interjeição ‘Ah’, que abre as duas estrofes do poema exala certa decepção e exprime já conformidade ao provável rompimento com o outro. As considerações do eu lírico são lúcidas, tanto que não há busca de reconciliação nem apaziguamento, faz-se apenas uma constatação de que o amor está em vias de acabar.

Amando

Ah, meu amado,
nosso amor é tão pobre,
sou apenas ave



sem jaça derrubada,
tecendo ninhos de rosas
para nada.
Você é meu faz-de-conta
repetido,
cabelos marrons,
queixo de ciranda.
Nosso amor é só de olhar
e você passa meio triste,
escondendo meu beijo,
frágil e líquido,
na memória de sua boca.
Ah, meu amado,
nosso amor está perdido.
(Chein, 2004, p. 51).

Na primeira estrofe, mais longa, o eu lírico mostra a desestruturação da relação amorosa com o outro. Elenca motivos e características do relacionamento e mostra fugacidade e distanciamento crescentes verso após verso. Os vocábulos utilizados tais como ‘pobre’, ‘apenas’, ‘nada’, ‘faz-de-conta’, ‘triste’, ‘escondendo’, ‘frágil’ vão reforçando a dimensão de sua descrença no amor e o esfacelamento do sentimento. Na estrofe final, de apenas dois versos, há o arremate previsível do que já se anunciava anteriormente. O eu poético, após conjecturar verso a verso, é taxativo em relação à interação com o outro. “Nosso amor está perdido”, exclama, num misto de lucidez, alívio e resignação.

Na mesma esteira de ‘Amando’, o poema ‘Diálogo’ mostra o eu poético a tecer considerações sobre o sentimento amoroso. O sujeito é reflexivo e taxativo em seu discurso e em sua posição. Identifica o amor do outro como insuficiente e mostra um posicionamento maduro frente ao pouco que lhe é oferecido. Trata-se de um duplo diálogo. O eu poético expressa uma atitude madura consigo mesmo e mostra segurança ao outro, ao afirmar que não é passível de qualquer manipulação.

Diálogo

Seu amor não tece
os fios do tempo:
é pequeno, solto, rasante.

Não me cobre permanência,
ouse, sim, juntar seus cacós,
cortar prepotências
e enterrar montes de desculpas.
(Chein, 2004, p. 53).

Nesse poema, o eu lírico é determinado e forte. Mostra-se disposto a não aceitar as coisas pela metade. É consciente e lúcido em relação ao amor que lhe é oferecido, taxando-o objetivamente de “pequeno, solto, rasante”, ou seja, rechaça o que não atende às exigências para a satisfação plena. Na segunda estrofe se verifica um embate com o outro. Já no primeiro o eu poético é categórico: “Não me cobre permanência”. Nessa afirmação logo inferimos que se trata de uma não correspondência de sentimentos, exigência solicitada, mas não retribuída.

A segurança mostrada pelo eu lírico se concatena ao discurso feminino contemporâneo. As vozes das poetisas ecoam em diversos protestos e insurgências contra o regime patriarcalista ainda presente com vigor na sociedade e que oprime o feminino, busca mantê-lo recluso para inibir protestos e revoltas. Ainda hoje, seja no aspecto social como nas relações afetivas, a mulher é geralmente vista como presa. Conforme Beauvoir, “[...] Não se admite que ela possa, como o homem, assumir seus desejos: ela é a presa. [...]” (Beauvoir, 1980, p. 459).

No primeiro verso da segunda estrofe, o eu poético se rebela contra tal condicionamento. Não deseja mais ser e estar disponível sem ter a reciprocidade do outro e exige atitude. “Não me cobre permanência” é, portanto, para além de um rompimento amoroso/afetivo de uma relação individual, um grito contra todo domínio que coloca o feminino sempre na posição passiva, sujeita a uma desgastante e eterna espera.

Nos três versos finais do poema o eu lírico é mais enfático e até apelativo ao denunciar o outro pelo saliente falta de coragem e atitude. Critica e questiona os desmazelos e defeitos não reconhecidos pelo interlocutor poemático. Fica evidente a transgressão. O sujeito feminino cansa e dá um basta na situação em que se encontra. A falta de reciprocidade que gera a crise no relacionamento é identificada, analisada, contestada e expurgada com toda força e segurança pelo eu lírico.

Essa voz que ressoa do poema, então, retroalimenta e se manifesta em muitas vozes de mulheres na contemporaneidade. Rebelar-se é mostrar ao outro - o sujeito masculino - que já não se aceita mais - pelo menos não tão passiva e facilmente - as leis e ordens que emanam dos ideais patriarcais. A mulher tem buscado caminhos para investir mais em si mesma. Ao fazer isso se fortalece e, em se fortalecendo, torna-se cada vez mais consciente, descobre seus limites e potenciais e reformula o modo de olhar ao seu redor e de agir. Torna-se um sujeito mais pleno, como esclarece Monteiro:

É hora de descidas e questionamentos que permitam a eclosão de uma consciência mais plenas de nós próprias. Grande parte das mulheres não mais permanece *bela* adormecida esperando por seu *príncipe encantado*; não mais permanece *esposa pacata* aguardando seu marido infiel; não mais fica *mãe ilhada* no cuidado desmedido dos filhos (Monteiro, 1998, p. 67).

A reformulação, por parte da mulher, na sua maneira de viver tem abalado os preceitos patriarcais mais ortodoxos. Trata-se de uma transgressão em curso. O ser feminino passivo vem sendo empurrado para o lado e em seu lugar surge a altivez da mulher ativa, aquela que contesta, pergunta, questiona e rompe, busca caminhos diversos dos que lhe são ofertados. Isso é um incômodo para o masculino, que vê seu poder sendo afrontado e não sabe lidar com isso senão pela via da força e da violência.

No poema seguinte o eu lírico não trata necessariamente do sentimento amoroso, mas se mostra igualmente crítico e contestador em relação ao outro. Evidencia-se um certo ceticismo na voz do eu poético que vai desafiando seu discurso nos versos. O não é reiterado no poema todo, sinal de consciente afronta e empoderamento. O sujeito não aceita submissão e contesta as imposições que lhe querem cercear.

Não conheço seu coração,
nem sei dos pensamentos
perdidos em prisões de papel.
Não acredito em preces,
nem na justiça dura
da aliança com seu povo,
seu próximo, pais, irmãos
e cidadãos da cidade.

Não temo seu tribunal,
não pertenço ao rebanho
de seus dóceis animais,
nem pretendo me justificar
pelas esquinas surdas
e escorregadias que preferi.
Você não é meu juiz,
nem presença que me baste.
(Chein, 2019, p. 74).

Há, no desenrolar da tessitura poemática, um evidente afastamento do eu lírico quanto a quem está recebendo suas críticas e ponderações. O sentimento é de desconfiança sistêmica. Instaura-se uma barreira entre as partes, de modo que qualquer aproximação parece ser improvável e até impossível. Na primeira estrofe, há certa falta de vontade em conhecer ou se aproximar proficuamente do outro. O desinteresse é crescente, taxativo e contundente.

Na segunda estrofe, o discurso se afunila no sentido de afastamento. O eu lírico vai elencando, verso a verso, o desejo profundo de se desligar do que parece que lhe corrói sistematicamente. Não quer se submeter aos mandos e desmandos e opera para afastar e negar qualquer vínculo de pertencimento. O empoderamento se mostra com



maior energia quando o eu lírico se isenta de manifestar qualquer justificativa das atitudes tomadas e escolhas feitas, como se nota no quarto, quinto e sexto versos, dessa estrofe.

Nos versos finais, a exemplo dos dois poemas mostrados anteriormente, o eu lírico mostra-se novamente convicto e é, mais uma vez taxativo, preza pela sua liberdade e condena a opressão sofrida. Ao dizer “Você não é meu juiz,/nem presença que me baste”, mostra que a sua independência é inegociável e que a companhia do outro é pobre, pois inibe qualquer possibilidade de crescimento.

O poema mostra, então, um eu lírico maduro, que não aceita imposições. Tal circunstância se liga intimamente com o amadurecimento crítico das autoras no decorrer do tempo. Elas passaram a falar e a escrever não apenas sobre o universo feminino ou sobre si mesmas, mas contemplam em suas obras ficcionais o sujeito humano, não somente de maneira estética, mas proativamente crítica. Se antes se dizia que elas escreviam versos ‘açucarados’, hoje é incontestável que problematizam nas obras que produzem, o discurso, os ideais e o elemento masculino.

O “Amadurecimento crescente de sua consciência crítica [...] “tende cada vez com mais força e lucidez, a romper os limites do seu *próprio Eu* (tradicionalmente voltado para si mesmo em uma vivência quase autofágica.) para mergulhar na esfera do Outro - a do ser humano partícipe desse mundo em crise. Daí que o eu-que-fala, na literatura feminina mais recente, se revele cada vez mais claramente como Nós. O que quer dizer que, nesses últimos anos, os problemas limitadamente ‘femininos’ têm-se alargado no sentido de se revelarem ilimitadamente ‘humanos’ (Coelho, 1993, p. 16).

A ampliação da atitude crítica da mulher reverbera nas obras que produz. Os escritos mantêm dimensões que explicitam problemáticas humanas. O sujeito feminino rechaça o posicionamento passivo, coloca em questão os condicionamentos que o afligem e perturbam. Indaga e busca desvencilhar-se das clausuras que o atingem. Assim se coloca Maria Helena Chein em boa parte de sua poética, quando questiona a posição da mulher, não só no âmbito social, mas principalmente em relação às relações interpessoais com o elemento masculino.

Com isso, sua voz entra em consonância com outras vozes de mulheres que discutem e refletem acerca do ser mulher, seja em obras teórico-críticas ou obras ficcionais, afinal, o literário é o campo de manifestação de vozes que buscam trazer o ser feminino ao debate. Conforme assinala Níncia Teixeira, “A produção literária de autoria feminina pretende falar da luta da mulher por espaço, reconhecimento, igualdade, mas, sobretudo, da reformulação da identidade feminina na sociedade.” (Teixeira, 2008, p. 33).

O universo poético de Maria Helena Chein, busca retratar esteticamente as questões colocadas por Teixeira no âmbito da crítica. Procura dar voz ativa à mulher e

registrar-la sob o escopo reflexivo. Os poemas de Chein trazem a mulher consciente, em constante indagação acerca de si mesma, bem como reflexionando acerca do outro, com questionamentos e problematizações sobre o papel do outro nas relações travadas com o feminino. A poeta traz a mulher que repensa as relações e pensa conscientemente sobre sua entrega nas relações afetivas.

não sei se continuo
a consertar tralhas
e a florear cenas
de emoções adversas.
Sei de minha absolvição
e da mordida no seu osso.

Há erros, contradições
e até oferendas, que eu,
quase cega e samaritana,
espalho em sua direção.

Não sinto desejo, euforia,
florescimento, porque
quando vamos brincar de flor,
você só sabe ser espinhos.
(Chein, 2019, p. 72).

Esse poema mostra certa resignação e crítica de um eu lírico consciente de algo que lhe está incomodando. Trata-se de uma reflexão em relação a uma situação que requer distanciamento e ruptura. O poema se inicia com uma dúvida capital que paira no pensamento do eu lírico: “não sei se continuo” mostra a identificação de um problema e, nos dois versos seguintes, o registro deles. Nessa mesma estrofe, nos dois versos finais, o eu lírico se mostra consciente da crise instalada e de suas ações.

Na segunda estrofe, a reflexão continua e o eu poético vai, em uma espécie de desabafo, revelando seu compromisso relacional com o outro, sem que haja contrapartida. Revela-se o sacrifício que o eu poético faz, em um esforço de talvez agradar, mas sem, aparentemente conseguir. Daí vem o desgosto, uma certa mágoa, incompletude, vazio e distanciamento presentes na última estrofe.

Os dois versos finais do poema são sintomáticos: “quando vamos brincar de flor, você só sabe ser espinhos” mostra insensibilidade do outro para com o eu poético feminino que revela sua intenção de se aproximar. A sensibilidade da flor contrasta com a dureza do espinho e o incômodo é saliente. O eu lírico vai se desgastando na relação e nos dois versos iniciais da terceira estrofe revela seu esgotamento: não sente desejo, euforia, florescimento, ou seja, o acolhimento esperado não vem e o que fica é uma grande frustração.



Essa falta de companheirismo e compromisso com o outro desgasta e tudo vai se definindo até se acabar. Assim, voltamos ao início do poema, para encontrarmos novamente o eu lírico reflexionando sobre entrega e sacrifício. A dúvida que toma o eu poético e o faz cismar, é sinal de crescente consciência crítica e força para repensar os comportamentos e atitudes. O próximo passo é o abandono e a busca por novos caminhos, não sem espinhos, que é coisa improvável, mas caminhos que contenham pelo menos algumas flores para tornar mais leve a caminhada.

Atualmente, o sujeito mulher, as poetisas e escritoras têm essa premissa de escolher os caminhos, trilhar novas estradas e, sobretudo, têm maior força e segurança para enfrentá-los, reflexionar o que convém ou não, indagar sempre as imposições e posições e fazer autoavaliação de si mesmas, de suas vidas e relacionamentos, revolvendo os medos e explicitando a coragem que estão guardadas dentro de todo sujeito humano. É isso que Maria Helena Chein nos mostra, também, em seus versos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos destacar as reflexões trazidas sobre o ser mulher em alguns poemas de Maria Helena Chein. O eu poético feminino que aparece nos versos mostra consciência e tece reflexões constantes acerca de sua condição feminina. Mostra também questionamentos sobre os relacionamentos afetivos, ressaltando um posicionamento crítico sobre eles.

Podemos dizer que a poeta, por meio de seus versos nos quais se destacam e se evidenciam o olhar e a voz do sujeito feminino foge à ótica romantizada, pois mostra o sujeito mulher repleto de força, ser reflexivo que, se não se desvencilha de todos os problemas que o afligem, pelo menos os questiona, cobra posturas e posições do outro e busca se libertar das imposições que lhe são direcionadas.

O universo poético de Maria Helena Chein, então, proporciona ampla reflexão sobre a presença e força do feminino frente ao outro. A mulher, por tanto tempo acuada na sociedade patriarcal ocidental, tem ganhado espaço exponencial na ficção brasileira na contemporaneidade e a autora goiana certamente tem sua parcela de contribuição nessa tarefa de registrar o feminino em problematizações constantes, de si para si e de si para com o outro.

A literatura produzida por mulheres há tempos já não deixa nada a desejar em relação às produções literárias produzidas por homens no que se refere à qualidade das obras. O número de autoras têm crescido exponencialmente na contemporaneidade e os debates acerca do feminino nos textos abrange a mulher como ser humano e sujeito político, aquele que se insere como um elemento perturbador na sociedade.



REFERÊNCIAS:

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo II: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CHEIN, Maria Helena. **Amor solto na terra**. Goiânia: Kelps, 2004.

CHEIN, Maria Helena. **Pão ázimo sob a figueira**. Goiânia: Prime, 2019. (Coleção Goiânia em prosa e verso).

COELHO, Nell Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro. **Mulher, feminino plural: mitologia, história, psicanálise**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Entre o ser e o estar: o feminino no discurso Literário**. Guairacá - Guarapuava, Pr n. 25 p.81-102, 2009.

WOELLNER, Adélia Maria. **A voz da mulher na literatura**. Revista de Literatura, História e Memória. Cascavel, Pr, v. 3, n. 3, p. 9-34, 2007.